

O lugar e o laço.

Jacques-Alain Miller

Curso de 2000 – 2001

Primeira lição do Curso

Quarta-feira, 15 de novembro de 2000

I

Bom dia!

Começarei dizendo-lhes o que eu não previra dizer-lhes.

O que previ dizer-lhes era o que eu havia preparado, anunciado sozinho, e o que me veio à cabeça, em função de meu título, foi deportado, uma palavra chamando outra.

Devo precisar-lhes que só ontem à noite cheguei ao meu título, ou seja, *in extremis*. Portanto, para começar, vocês terão uma tagarelice espontânea, não inteiramente controlada. Essa tagarelice ensinou-me o que me preocupava, isto é, não consigo fazer como se de nada se tratasse.

No entanto, isso não é uma análise. Estejam certos disso. Mas, evidentemente, dadas as circunstâncias que exponho a vocês, não se trata de algo sem relação, sem laço com uma análise. Espero que isso faça passar o que por ventura houver de mal acabado.

Não é uma análise, mas não deixa de relacionar-se com ela, uma vez que isso parte do que me inquieta a respeito da psicanálise, organiza o que me inquieta em uma forma que, é evidente, não é a de uma análise, mas sim a do ensinamento.

O que é a forma do ensinamento?

Estamos plenamente nela.

Para dizê-lo com um jogo de palavras, ensinamento é, como o provam todos aqueles que ensinam, *ensinamentir* (*l'enseignementir*). Tornamo-nos ensinantes quando aprendemos a mentir como se deve.

Não podemos defender-nos lançando mão da idéia de que, em psicanálise, deveria ser diferente. Em psicanálise, o ensinamento deveria seguir de perto o máximo possível a inquietação de cada um. Seguir de perto a inquietação daquele que ensina poderia, talvez, ter uma chance de tocar nas inquietações de cada um dos que recebem o ensino.

É um fato. Eu me dei conta de que o que me inquietava era também uma inquietação para a psicanálise. Não sei se os surpreendo. Mas isso é novo porque, para mim, a psicanálise é, ou era, algo sólido.

Instalei-me na posição de ensinar em psicanálise baseado nisso. Pude até mesmo, imagino, fazer partilhar essa confiança. Empenhei-me nisso. A partir do momento em que me convenci de que a psicanálise era algo sólido, inquietei-me para difundi-la, especialmente sob a forma do ensino de Lacan.

Se retomo, é porque, na verdade, fui mordido por uma mosca, não a famosa mosca tsé-tsé, mas uma outra, a mosca *tseu-tseu*, que me precipitou em todas as direções para levar a boa nova.

Ora, dir-se-ia que fui picado, ou melhor, que fui mordido por um remorso, por um pensamento, por alguma coisa como “Ei! França, teu café está indo embora”¹. O café, no caso, é a psicanálise.

Foi o que me levou, há pouco, no intervalo, um tanto às cegas e com os meios de que dispunha no momento, a enfatizar a diferença entre a psicanálise pura e a psicanálise aplicada à terapêutica. Evidentemente, isso não foi tão longe quanto aquilo de que eu me vi saindo por mim mesmo, a saber, o risco de esperar. Cabe dizer que, quanto a esse perigo, nenhuma quantidade, nenhuma afluência, bastante sensível nesta tarde, pode fazer algo.

Contudo, escolhi meu título bem longe dessa questão, pois eu estava convencido de que não era necessário falar demasiado disso. Busquei, então, alguma coisa neutra. Não fazer ondas, trabalhar seriamente. O título em que me detive foi : *O lugar e o laço*. Eu o escrevo no quadro a fim de que a ambiguidade sonora “e” (*et*) seja, pela escrita, levantada.

Disse a mim mesmo, e digo a vocês: “este é meu título”. Meu título não é alteza, não é califa, nem hospodar, micado ou paxá. É meu título. Aqui está o que dou como título. Por que dou um título? Antes de tudo, eu o dou por polidez, a fim de facilitar seu arquivo, já que, para mim, o curso continua sem ter verdadeiramente solução de continuidade. Isso permite, o que é muito importante, que se possa inseri-lo em sua colocação (*place*). A colocação, por certo, relaciona-se com o lugar (*lieu*). Ela tem um laço com o lugar.

Todavia, no uso, e especialmente na língua francesa, manejada com precisão por Lacan, colocação não é lugar. Colocação aparece ligada a um elemento que nela se inscreve, que nela se pode inscrever. Quando vamos às corridas de cavalo, importa-nos muito saber qual a ordem em que eles vão chegar, e apostamos em sua colocação. Apostamos no cavalo vencedor e apostamos no cavalo colocado, no *placê*, e atentamos muito para o fato de que cada um esteja em sua colocação, temos instrumentos aperfeiçoados para obter a colocação de cada um.

Nessa perspectiva, o lugar é, antes, o tumulto. Pode-se, então, pôr o um do lado da colocação e o múltiplo do lado do lugar.

A colocação está implicada nas questões de substituição, nas formas de sucessão, ou ainda, de maneira mais estênica, nos tipos de exclusão. Mas o que perdeu sua colocação por exclusão continua mantendo um laço com o que, ali, o substitui.

De todo modo, em psicanálise, foi em termos de colocação que Lacan traduziu o recalque. Ele teve de delinear colocações para tornar possível o recalque articulado com o retorno do recalcado.

Eventualmente, disputamos a colocação. Ao passo que o lugar é muito mais pacífico, muitos se avizinham dele, e pode acontecer que esses muitos estejam coordenados: eis que surge o laço.

Se esses muitos são coordenados, então há chance de que cada um tenha sua **colocação**. Quando isso acontece da melhor forma possível, torna-se até suscetível de se apresentar como um sistema, e até mesmo uma estrutura. Assim, o lugar bem ordenado permite

¹N.T. frase atribuída à condessa du Barry, última favorita de Louis XV. Certa manhã, o rei que muito gostava de preparar seu próprio café deixou-o cair. Foi então que sua favorita exclamou: *Hé, La France ! Ton café fout le camp !...*, o que foi de muito mau gosto, depois da perda das colônias ao final da guerra do Sete Anos (1763).

distinguir uma multiplicidade de colocações, onde pode girar o que Lacan chamava de discurso, em que se articulam colocações e elementos.

Disse-lhes que, por polidez, me deteria em um título a lhes comunicar. Mas isso já não é inteiramente verdade. Decerto que minha preocupação com vocês entra em consideração, mas, por vezes, conto com um título para ajudar a mim mesmo, pois cuido para não me desviar de uma orientação. Assim, um título me dá um ponto de partida para uma trajetória que, em seguida, se tratará de encadear.

Isso me levou a este *O lugar e o laço*, a partir do que no ano passado conduzi ou percorri sob o título *Os usos do lapso*, quando me propus à empreitada de falar do tempo. Cobri esse programa apenas parcialmente, tal como o testemunha a massa de notas inutilizadas que me restou. Em particular, deixei na beira do caminho a questão a ser desenvolvida sobre em quê o tempo é um efeito, um efeito que se deveria poder articular a uma estrutura que o determina, de modo análogo àquela que remete ao fato de um par de significantes determinar um significado, sendo a própria articulação significativa um modo de laço, podendo o tempo ser significado para o sujeito segundo modalidades diversas em função da estrutura significativa que o determina.

Nessa ótica, faz sentido, e é até mesmo operante, distinguir o tempo epistêmico, o tempo de saber e o tempo erótico, aquele que comporta um laço com o que Lacan chama de objeto pequeno *a*.

Como me desincumbi disso, principalmente no Brasil onde estive durante a Páscoa, vi-me na situação de não desenvolvê-lo aqui.

Tendo pelo menos tocado de leve no tema do tempo, eu me incumbia de dizer alguma coisa do espaço. Vocês vêem que, aqui, associo um significativo a outro da maneira mais elementar. Porém, em psicanálise, o espaço não está implicado como uma extensão, mas sim como o lugar, o que em grego se diz, vocês não o ignoram, *topos*.

Esse vetor, essa indicação levava diretamente ali onde Lacan nos deixou um título e pouca coisa mais, quase o último de seu ensino: *A topologia e o tempo*.

É a versão lacaniana do binário espaço e tempo. Em psicanálise, ele é corrigido pelo fato de que, nela, o espaço está implicado de uma outra maneira, segundo a conveniência de Lacan, que nos obriga a passar pelos lugares.

O que permaneceu cintilante é a instância de uma nova estética, em sentido próprio, uma nova doutrina do espaço e do tempo ligados um ao outro de maneira inédita. Foi assim que o tempo me levou ao lugar e acrescentei, ali, o laço. A assonância, reconhecimento, tem algo a ver com isso, porque ela faz laço e o som faz sentido. Nela encontrei, bem colocado, o que chamaria “o efeito poético da assonância”, entre aspas. Disse a mim mesmo que sempre se ganha quando se confia na língua.

Mas o conceito de laço, em toda sua amplitude, também me é problemático de uma forma particular. O laço me causa problema. Devo dizer que o que me guia, não são os jogos de palavras, não são as assonâncias, nem mesmo o que fiz ano passado. Eu me dei conta de que aquilo que me guia, para dar o curso, é o rasgão.

Para eu me lançar nesse trabalho, é preciso que se produza um rasgo no saber, no meu, que uma fenda se produza no que pude adquirir de saber, aqui e ali, e em tudo que pude organizar. É preciso que haja um rasgo produzido por alguma coisa que se engancha. Aí está a definição de rasgo. Sem isso, o ensino na psicanálise não me convém.

Passo em curto circuito dos meus pequenos problemas para os de vocês. Para ensinar, em psicanálise, faz-se o que se pode, mas, pelo menos, há que se partir de um rasgão. Eu me

dou conta de que, no meu caso, foi o rasgão que me impeliu a enganchar-me, a chegar ao fim, pelo menos até a próxima vez. O difícil para mim, e eventualmente para vocês, é que, em termos estritos, quase sempre só falo do que não sei. Assim, eu pelo menos mobilizo o que sei em torno do rasgão, o que, de fato, me atormenta.

Deve-se acreditar que isso me dê também satisfações, é claro. Admitamos a satisfação. Admiti-la não impede a necessidade de eu me esforçar, e, por estar assim tomado – esta é a razão porque tenho uma relação com o *in extremis* –, não acreditem tratar-se de coquetismos quando digo que recuo. Há alguma coisa no que repiso gentilmente – por vezes de modo delicado, por vezes menos – e que, todavia, me causa horror. Continuo, mesmo assim, porque o resto não me interessa. E devo dizer que a expectativa de vocês tem um peso nisso.

Pois bem, aqui, o rasgão toma seu valor. Qual é o rasgo secreto que deixará de o ser? Para mim, há sempre um rasgão. Qual é esse rasgão? O que me engancha é a idéia que vem de Lacan sobre a não relação. Certamente eu a li, como vocês, a reli, como vocês, mas resta para mim um rasgo, um rasgo no conceito de laço. Portanto, gostaria de falar melhor sobre isso, circunscrever ao máximo o de que se trata, justamente porque Lacan formulou que a não-relação sexual seria da ordem do real.

É um fato: desta vez, o que me engancha vem de Lacan. Posso aqui reconhecer que Lacan me enganchou e que não consegui me desenganchar, que sou – isto é perturbador – um adicto de Lacan. Há outros que assim os tornei. Eu lhes pergunto: é bom ser enganchado em Lacan? Sob certos aspectos, deve-se dizer que isso é vital para um praticante da análise. Foi justo nesse sentido que fui forçado a me dar conta, para minha desolação, de que me tornei um psicanalista.

Quando entrei nessa questão eu não era de modo algum psicanalista. Inclusive, em certa época de minha juventude, eu era célebre como o não-analista. Eu exultava, tendo em vista o quanto Lacan falava mal dos psicanalistas. Cheguei até a marcar um ponto de honra, quando comecei a me expressar, a ensinar psicanálise, ao enfatizar que eu não a praticava, preservando-me de colar em mim esse título maldito no estado em que Lacan o deixara, depois de o ter arrasado de todas as maneiras.

Mais ou menos quinze anos depois, confessei aqui que eu não mais podia dizer isso, que eu praticava a psicanálise, que temia ser um psicanalista. Alguns anos a mais, com a experiência da psicanálise, fui levado a me perguntar se eu não tendia para um certo lado da direção do tratamento e, além disso, se eu não teria caído no que Lacan chamava de a grande tentação do psicanalista, tentação no sentido do demônio que está dentro da psicanálise e que nos tenta. A grande tentação do psicanalista, que Lacan convidava a repelir com um *vade retro* – aquela na qual, caso o cara caia nela, ele se acaba –, é a de tornar-se um clínico. O que me engancha é que temo ter me tornado um clínico. Parti de muito longe, mas, com efeito, é possível sentir-se confortável na experiência.

O que é um clínico? Lacan foi o único a ousar de fato denegrir o clínico. Nessa perspectiva, um clínico, no sentido de Lacan – exagero um pouco –, é um sujeito que se separa do que vê, separa-se dos fenômenos que se produzem e que, por haver saído do visco, consegue “adivinhar os pontos chaves e mostrar-se capaz de tocar mal o piano da questão clínica”.

Repensando nisso, disse a mim mesmo que, de fato, com alguns anos de experiência, isso corre seriamente o risco de acontecer. Indica o ponto em que chegamos de um certo *savoir-faire*, do qual o debutante é logicamente desprovido. Não quer dizer que o *savoir-*

faire não seja aconselhado. É com a condição, diz Lacan, “que se saiba também de que maneira se é pego na questão”. Ou seja, que nós mesmos, como operadores da experiência, fazemos parte do teclado sobre o qual martelamos. E, de maneira mais enigmática, ele prossegue: “isso é alguma coisa que falta sempre no seu teclado”. Quer dizer que não conseguimos tocar com nossa própria nota, com a nota que se é.

Aliás, é o que faz com que o analisante possa fazer uma báscula sobre o que falta ao analista, fazendo oscilar nessa falta de estrutura do analista aquilo que, nele, mascara sua falta. O resultado é esta espécie de lugar fundamental enfatizado por Lacan e chamado de depósito de esgotos. É nisso que o analista é um lugar – como se diz “o lugar”- e que, nesse lugar, se estabelece um laço.

O que isso quer dizer? Aqui, estamos entre os enigmas de Lacan. Isso quer dizer, por exemplo, que o analista, em sua prática, está em dois lugares. Por um lado, ele está no laço, é a parte do laço que ata, podendo-se até dizer que o analisante é a parte atada. Ao mesmo tempo, o analista é o lugar e, deste, lhe é muito difícil fazer o laço entre o laço e o lugar. Neste ponto, verifica-se no analista o que acontece na piada, a saber: “Tenho três irmãos, Pedro, Paulo e eu”. Pois bem, com o analista é assim. Ele tem três irmãos do qual ele próprio é um deles. Lacan o evoca uma vez dizendo misteriosamente: “Quando há dois psicanalistas, há sempre um terceiro”.

Portanto, o analista é alguém e também o auditório. Em termos de teatro, ele é o protagonista e o coro, exceto que se trata de um coro de outra espécie, da espécie a ser chamada Sujeito-Suposto-Saber. Aqui, o lugar condiciona o laço. Nele se inscreve aquilo do qual, nos dias de hoje, se faz uma surpreendente propaganda, a saber: a supervisão analítica.

O que a supervisão supervisiona? Supervisiona especialmente a relação entre o laço e o lugar, supervisiona se a relação entre o laço e o lugar está bem colocada.

A supervisão, sem dúvida, não é a análise. Mas há muitas coisas que não são análise. O passe não é análise. O ensino da psicanálise não é a psicanálise, tampouco a supervisão, mas ela tem um laço com a análise. Cabe observar que Lacan, embora tenha abordado muitas coisas em psicanálise, não tocou nisso. Ele, antes, estendeu seu exercício. Pode-se até dizer que há uma relação entre o que chamamos de procedimento do passe e o procedimento menos calibrado chamado supervisão, uma vez que o analista em supervisão vem relatar a um outro alguma coisa sobre um terceiro, vem relatar suas façanhas para um outro, para servir a um outro. Ele põe um terceiro na jogada, um terceiro que só pode estar na jogada por já estar ali, ou seja, por encarnar o lugar em alguém diferente. E isso para se ajudar a se desdobrar da boa maneira, para não se deixar absorver pelo laço, mas para colocar-se no lugar, no que ele é como lugar.

A supervisão incide sobre o laço do analista com o lugar, isto é, ela verifica, nessa perspectiva, seu grau de desubjetivação na experiência: “Será que sou desubjetivado o bastante para poder atuar como *upokeimenon*, como suporte, como pedestal do outro? Sou desubjetivado o bastante para dividir o sujeito em meu paciente, ou será que meu paciente está cada vez mais empedernido, betonado?”

A supervisão é também supervisão da manutenção do laço do sujeito que analisa com a psicanálise. De fato, aqui, deslizamos para um registro mais espinhoso. Trata-se da supervisão do laço do analista com a psicanálise como parceira.

Aqui, a supervisão é outra coisa. Trata-se de saber se o psicanalista respeita a psicanálise. Que idéia ele tem a seu respeito, quais as conseqüências que tira disso?

Um analista só pode ser o lugar que lhe cabe, ou seja, só há analista – cheguemos até este ponto – sob a condição de haver um laço com a psicanálise como tal. É preciso que, de um modo ou de outro, a psicanálise lá esteja. O paciente não é o único parceiro do analista. É preciso que haja também a parceira-psicanálise. É preciso jogar sua partida considerando a parceira-psicanálise.

Pareço deduzi-lo, porque esse é meu jeito esquisito, mas isso faz com que eu ainda não esteja completamente tomado pela tentação. Pareço deduzir alguma coisa que é de experiência, ou seja: se um psicanalista não joga sua partida considerando a parceira-psicanálise, não há psicanálise. Eu disse à parceira-psicanálise: “amanhã, eu a farei falar”. A parceira-psicanálise avança e diz: “observemos que Lacan não hesitou em fazer falar a verdade, em escrever a prosopopéia da verdade, tampouco hesitou em fazer da matemática uma pessoa, ou em falar dela como de uma pessoa, já que ele considerava o dizer como pivô da matemática”. Para assimilarmos isso, precisamos trabalhar. Falar do dizer na matemática é um sério rasgão em nosso saber. Pois bem, logicamente, ele fazia da matemática uma pessoa. Não vejo o que poderia nos interditar de fazer também da psicanálise, nesse sentido, uma pessoa.

Seguindo esse fio, falarei do que me veio à cabeça sob a forma de um imperativo – é também uma esquisitice, uma apoquentação para mim: é preciso que a psicanálise exista, caso contrário não se pode fazer psicanálise. É uma outra maneira de dizer que o lugar e o laço analíticos dependem do laço do analista com a psicanálise. É bastante enfadonho dizer “é preciso que a psicanálise exista” porque isso suscita a questão que gostaríamos de evitar: “a psicanálise existe?”. A mulher não existe. Isso não impede que existam mulheres. Inclusive, há muitas na psicanálise.

A psicanálise poderia não existir sem que isso impedisse a existência de análises e de analistas, todos diferentes, posto que Lacan, em um de seus últimos textos, qualifica os analistas de “dispersos desemparelhados”.

Quem garante a existência da psicanálise é Freud. Freud concebeu a psicanálise sozinho. Certamente se acrescenta que ele se serviu de Fliess, de Breuer e - por que não? - de Popper-Lynkeus, e até mesmo que ele teria podido servir-se de Nietzsche, ou de outras bagatelas. O certo é que Freud inventou a psicanálise sozinho. Ufa! Sobre isso, há um acordo. Isso assegura todo mundo porque a psicanálise tem um lugar de origem. Pode-se até mesmo comprar uma passagem de trem ou de avião e ir respirar a felicidade de passear nesses lugares, ver a *Berggasse*.

Devemos ressaltar que a psicanálise foi por muito tempo definida como existindo, antes de tudo, pelo laço com Freud. Inclusive, isso foi considerado vital porque implicava não haver mais nada a fazer para fazer existir a psicanálise.

Podemos cogitar que Freud tenha pensado que isso poderia continuar assim, ou seja, que o fato de haver um lugar de origem e um laço com o lugar, bastaria. Ele apostou no lugar e reuniu uma comunidade que se uniu a ele, que ele próprio uniu, encadeou.

Ele não hesitou em fazer da palavra psicanalista um título e, conseqüentemente, instalou uma hierarquia à qual confiou a distribuição exclusiva do título. Esse dispositivo inventado por Freud, querido por ele, manteve essa comunidade na idéia do monopólio. Esse era o plano de Freud para a psicanálise. E, fora desse lugar, nenhuma salvação.

Se as coisas ficassem assim, tanto as palpitações sobre se “a psicanálise existe ou não?”, quanto sobre o fato de que ela precisaria de nós para existir estariam resolvidas, desde que não houvesse rasgões.

O primeiro deles foi Melanie Kelin, uma mulher, que começou a dizer coisas diferentes. Isso foi mais ou menos grosseiramente remendado. Depois, houve o rasgão Lacan. Isso abriu uma fenda que não pode ser suturada. E Lacan, o lacanismo, os lacanianos, tornaram-se uma chaga. Evidentemente, eles o puseram para fora, para fora do lugar.

De modo mais exato, eles lhe ofereceram uma escolha, uma escolha forçada: por um lado, ficar no lugar mas inofensivo, castrado – se assim posso dizer –, de todo modo estéril. Tentaram esterilizá-lo a fim de que ele fosse um discursador que, ademais, reuniria em matilha as populações para o maior bem da hierarquia. Por outro, deixar-se pôr para fora, fora do lugar, fora da comunidade, o que ele próprio batizou, muito justamente, de “excomunhão”. Fora da comunidade, do lugar e do laço. Sem dúvida, é sempre muito arriscado pôr para fora alguém que lhes causa aborrecimentos porque, neste momento, desencadeiam-no, perde-se todos os meios de temperá-lo. Foi o que aconteceu. Lacan disparou e a palavra psicanálise deixou de ser um certificado de origem.

A culpa é de Lacan. E, a seu respeito, ainda há um ódio perceptível. Porém, o “A culpa é de Lacan”, é tão verdade quanto “A culpa é de Rousseau, de Voltaire”. Tudo o que se pode dizer é que ele foi o ao-menos-um da questão, o que mostrou a falha do lugar, a falha que estava no lugar **S (A)**, quando ele quis complicar ou simplificar isso. Todavia, não foi culpa de Lacan, é claro, se houve um movimento, uma agitação, um turbilhão produzido pela invenção solitária de Freud, apesar dos pobres emplastos que ele tentou aplicar com sua comunidade, seu lugar e seu laço.

Evidentemente, Freud se deu conta de que se produziam estragos e tentou detê-los, enquadrar o que ele havia posto no mundo. Essa agitação, de alcance muito mais amplo do que os danos que Lacan pode exercer, é que a prática da escuta, não a psicanálise, transbordou na civilização contemporânea. Falar e escutar fazem parte da *koiné*, é um axioma, só isso é verdade, só isso é bom e, até mesmo, só isso é belo. Essa agitação, essa convicção inteiramente inédita na qual nos banhamos – é algo novo, já dura há algum tempo, mas leva tempo para ser formulada, justamente por estar tão próxima – faz parte da *koiné*, do senso comum da época: ser escutado tampona nosso mal-estar.

Aliás, é exatamente o que acontece comigo, aqui. Eu me apaziguo à medida que lhes falo. Vejam o bem que isso me faz. Isso tampona o mal-estar de vocês, afaga suas reivindicações, mas é simplesmente uma prática ordenada pelo princípio, o mais antigo: “Continue falando, isso me interessa”. Descobriu-se correlativamente as virtudes da escuta e a de dar a palavra. Eu lhes dou a palavra. Na realidade, isso é da ordem do presente envenenado, se assim posso dizer, é, se quisermos, da ordem do medicamento. Aliás, não temos nenhum problema ao prescrever esse medicamento ao lado de outros medicamentos químicos. E, nessa ordem das coisas, o pior é que, de fato, isso faz bem. Foi nesse sentido que Lacan definiu a psicoterapia como “tramóia bem sucedida” e a psicanálise como “operação rateada/falhada”, rateada/falhada por essência.

A questão que me inquietou, para além do que eu me desse conta, é a de que poderia haver um fenômeno econômico, ao qual assistimos, não direi há pouco tempo, mas há um certo tempo. Eu digo econômico porque é da ordem de “a moeda falsa enxota a boa”.

Está confirmado, a solução Freud está em sofrimento, passa por um duro momento. É o que se escuta nos Estados Unidos, um pouquinho mais avançados que nós: ninguém quer entrar nesse lugar. Aliás, é por isso que eles agora ficarão muito contentes – é o que lhes

indicam alguns amigos – de cooptar Lacan. Depois do retorno a Freud seria o retorno a Lacan.

Cabe dizer que o retorno a Freud, como Lacan se expressava, é mais uma boa peça pregada a Freud. A boa peça é que a solução Lacan não passou de modo algum pelas vias de Freud. Poderia parecer que passava pelas mesmas vias porque Lacan criou uma Escola. Alguns disseram: “Legal! É um lugar. Finalmente um lugar de classificação! É um lugar onde manejaremos o tampão, a estampilha e poderemos recomeçar melhor a operação que foi por água abaixo depois de Freud”.

Pois é, só que essa não era de modo algum a solução Lacan. A prova disso é que ele dissolveu essa Escola, a sua, a única que foi sua e que nunca será a sua. Era seu dizer que mantinha essa Escola, que a perfurava. E antes da Escola do dizer se tornar uma Escola dos ditos, em que todos eles passariam juntos, ele a explodiu. É que a solução Lacan – e esta é a conclusão que tiro disso e de alguns outros dados – não passa pelo lugar freudiano, pelo lugar freudianamente concebido. A solução Lacan, a praticada e indicada por ele, passava por fazer existir a psicanálise. É completamente diferente de se amuralhar em um lugar.

O que isso quer dizer? Fazer existir a psicanálise de modo diverso do que pela história, pois isso seria apenas fazê-la existir pela tradição. Tradição, traição! Para Lacan, fazer existir a psicanálise era claramente fazê-la existir pela lógica, e não pela história. Fazê-la existir por sua lógica, por seu necessário e seu impossível, dando espaço para seu impossível e também para seu contingente.

Vamos dar ao necessário a primeira colocação. A espinha do ensino de Lacan é a formulação de que a psicanálise leva a algum lugar, que, se ela começa como deve, ela é capaz de terminar também como deve, havendo nisso uma determinação que pertence à essência da psicanálise, uma determinação essencial da experiência analítica. É completamente diferente de tomar uma taça de chá ou de passear com quem se deve, de saber que estamos nos relacionando com alguém que se relacionou com alguém, etc., até chegar a Freud. Em psicanálise, estamos sempre muito ocupados com as filiações, com fazê-la existir pela tradição e pela filiação. Lacan se interessava em fazê-la existir através do que chamo, por ora, sua lógica, seu necessário, interessava-se em extrair sua essência. Aqui, a existência da psicanálise depende de sua essência.

O infinito freudiano foi muito pouco para Lacan, o infinito freudiano que afetaria a experiência analítica, ou ainda a idéia de que era preciso retornar periodicamente a experiência analítica. Esta é uma diferença absolutamente essencial e decorre da escolha de Lacan. Sim, há o infinito em Lacan, mas é o infinito analisante cujo nome é : o ensino da psicanálise. Isso se assenta no laço estabelecido por ele entre a psicanálise pura e o ensino da psicanálise.

Para dizê-lo com maior precisão, remeto-os à página 236 dos *Escritos* onde ele evoca, de modo imperativo: “É necessário o restabelecimento do status idêntico da psicanálise didática e do ensino da psicanálise, na abertura científica de ambos”, fórmula da qual se pode dizer que ela é ainda um tanto ingênua, mostrando, porém, a direção que foi a de Lacan. Digo ingênua porque ela ainda fala de psicanálise didática, termo que Lacan abandonará, uma vez que isso implicaria em que se aprendesse a psicanálise. Se pudéssemos aprendê-la, seus operadores não precisariam passar por uma análise.

Na realidade, essa frase, essa equação formulada entre a psicanálise didática e o ensino da psicanálise quer dizer exatamente a mesma coisa: a psicanálise é intransmissível. A

psicanálise não passa como uma carta pelo correio. No que concerne aos meios de transmissão, não é assim que ela passa.

A prova disso, é que é preciso vocês mesmos passarem como uma carta. Não é o cara que vai postar sua pequena missiva para que, em seguida, ela siga. É ele próprio que escorrega lá para dentro, como uma carta. É o sujeito que é transmitido e transformado nessa transmissão, não fosse por ele saber ler a carta/letra que ele é.

Podemos fazer disso até mesmo uma bela história. Aliás, a tese de Lacan é a de que essa história seja boa, mais do que bela. Ele chamou o passe o fato de se poder contar a carta que se é ou que se foi, sob a forma de uma boa história. E, felizmente, ouvimos boas histórias como essa. Caso não houvesse isso, não formularíamos questões sobre o que se faz. Felizmente, há boas histórias. Mas observem que essas boas histórias contadas por aqueles que são convidados a fazê-lo, por terem satisfeito a um procedimento, o passe, ainda não dizem nada do que o sujeito dessa boa história fará, por sua vez, na psicanálise. Aliás, ali há, com frequência, uma distância que é mantida, um hiato, poderíamos até dizer um hiato *irrationalis*. De todo modo, uma análise não lhes transmite a psicanálise. No melhor dos casos, supõe-se, ela os põe em condições de se pôr a praticá-la da boa maneira - deve-se dizer? - ou de uma boa maneira.

É nesse ponto que se pensa que Lacan mudou de opinião, pois ele deixou em uma espécie de suspiro o fato de que cabe a cada um reinventar a psicanálise. Já me correu fazer alusão a isso e ouvi-lo em um curto espaço de tempo dizer: “O que vocês queriam? Já fazia três dias que todo mundo se esgrimava sobre a transmissão da psicanálise até não poder mais!” – título que o próprio Lacan escolhera entre os dois evocados por mim como possíveis. Eu lhe dissera: “A tradição da psicanálise”, se o senhor é pessimista, “A transmissão da psicanálise”, se o senhor é otimista. Ele escolheu : “A transmissão da psicanálise”. Depois de três dias, evidentemente, como fazer um furo para arejar, a não ser dizendo que a psicanálise é intransmissível? Sem dúvida carregado de lembranças, que não ajudam nas questões de lógica, dei um valor mais baixo a esta frase: “cabe a cada um reinventar a psicanálise”.

Um giro a mais, e vejo a questão de outro modo. Como todos os ditos de Lacan, isso deve ser pego com pinças. Não basta olhar às pressas. É preciso olhar por cima, por baixo, pelos lados, de viés, deixar esquentar, esfriar, etc, como todos os ditos de Lacan, porque levam o selo do lugar da verdade. Trazem a marca do meio-dizer, do dizer pela metade. Isso significa que aquilo que é citado de Lacan os deixa sempre na metade do caminho a ser percorrido. É o que obriga que cada um ponha ali algo de seu, porque, como tal, é inteiramente atonal. Cabe a vocês pôr ali a ênfase de verdade, a pontuação, e até mesmo encadeá-la em um lugar, saber fazer laço, e que possam inscrever isso senão em sistema, senão fechando-o, pelo menos fazendo cadeia.

Aliás, esse par me inspirou que a verdade é um lugar, ao passo que o saber é um laço. O que lhes resta de uma análise, sempre, são efeitos de verdade, esparsos. Em uma análise, há revelação no ar. Há *revelamento* justamente porque está aberto ao rebaixamento.

Resta ainda saber qual é o saber que vocês podem tricotar com esses pedaços. É para isso que serve o passe, ou seja, para que nos mostre o saber que alguém é capaz de inventar com o que lhe resta de sua verdade. Se não é tão frequente, é porque é um exercício contra a ordem natural das coisas. A verdade sobre si levaria mais a calar-se, a se

*véritaire*². O difícil é conseguir ligar os efeitos de verdade, que são esparsos, descombinados, para chegar a alojar essa verdade em um saber que não seja demasiado indigno, isto é, alojá-la pelo menos em uma pequena articulação que mantenha um laço com a experiência feita.

Reinventar a psicanálise. Que chique! Toda a questão é que seja de fato a psicanálise o que se reinventa. E, nessa frase, Lacan diz “psicanálise”, e não outra coisa. Jung, por exemplo, que tateou na psicanálise, não muito, um pouquinho, inventou – é indiscutível – outra coisa diferente da psicanálise. Aliás, Lacan o diz muito bem, e é divertido: “Reinventar a psicanálise”, não se preocupem em inventá-la, já foi feito. Isso supõe que a psicanálise existe e é com essa condição que faz sentido para cada um reinventá-la.

Na matemática, é a mesma coisa. Há os que a transmitem e há os que a reinventam. A paisagem muda a tal ponto que, em trinta anos, quem não a acompanhou, não mais consegue se encontra-la porque, entretanto, ela foi reinventada por um certo número de caras. Isso não impede que continue sendo matemática. Inclusive, Lacan se atormentava com isso. Ele chegou a dar como exemplo a matemática “na qual”, dizia ele, “a posição do dizer é análoga ao real”, ao que é o real para outros discursos. É um dito a ser comentado com o olho na psicanálise. Mas, desde então, isso não impede em nada que a matemática seja um discurso que não esteja seguro e certo de seu real.

O discurso matemático não tem matema do real. O fato de não ter o real garantido lhe é indiferente. Não a impede em nada de prosperar. Quanto aos matemáticos, sim, isso os perturba. Eles sentem um mal-estar na matemática quando trabalham para saber qual é o real da questão, o que os incita a fazer filosofia. Eles são obrigados a fazer outra coisa diferente da matemática quando se apoquentam com o real daquilo de que se trata. Eles chegam até mesmo a fazer, precisamente, mais do que filosofia, ontologia, doutrina do ser.

Com efeito, Lacan se desembaraçou da ontologia que ele próprio carregou por um momento, é preciso reconhecê-lo, ainda que debitando-a em minha conta. Ele se desembaraçou da ontologia para dar lugar ao real. Ele se ocupou do real, mais do que do ser. Ele considerou a psicanálise como via de acesso ao real, pelo menos a um real. Pode-se até dizer que ele instaurou o real na psicanálise, ao mesmo tempo em que o fazia explodir, pluralizar, fragmentar. E por que não dizemos: o real não existe, tal como A mulher? Há reais, pedaços de real, assim ele se expressava. Poder-se-ia, inclusive, encontrar a razão pela qual o real é sem lei.

Aliás, se tomarmos os números naturais que, pelo fato de serem naturais, nos dão a impressão de serem da ordem do real – de fato, não fazemos deles o que queremos -, pois bem, a distribuição de um certo número de propriedades, os números primos, por exemplo, se faz sem lei, sem uma lei que se possa decifrar.

O discurso sobre o ser não é de modo algum a mesma coisa que um discurso que faz aceder ao real. Um discurso sobre o ser, o que reconheço no que Lacan chama “um discurso sobre o que há”, diz ele, “isenta-se da responsabilidade de o produzir”. Isso vai longe. Isso diz que, caso se trate do ser, o ser se mantém sozinho. Poderíamos fazer argúcias e dizer: não é o ser, mas o ente que se mantém sozinho, ao passo que o ser, o ser muito especial apurado por Heidegger, pelo contrário, necessita de pensadores. E os pensadores se disputam pelo ser com a *tekné*.

² N.T.: neologismo formado pela junção das palavras *verité* (verdade) e *se taire* (calar-se), possibilitado por certa homofonia entre elas, não sendo possível reproduzirmos em português.

Mas, em psicanálise, não existe “há”. É um discurso inteiramente centrado no “não há”. É um discurso no qual o “há” não é nada essencial. Por essa razão, trata-se de um discurso abrindo para uma prática. Cito Lacan: “O inconsciente é um fato, uma vez que ele se sustenta do próprio discurso que o estabelece”. Isso quer dizer: nada de psicanálise sem psicanalista à altura de sua tarefa. Não se pode dizer: “Viva a psicanálise, porque sem ela não haveria psicanalista”, tal como Ubu para a Polônia. É, antes: sem os psicanalistas, não haveria psicanálise.

Lacan se posicionou como o ao-menos-um que salva a honra. Quando há real, há prática, há *savoir-faire*. Mas, aqui, o *savoir-faire* chega ao *savoir-faire* com o real. Nesse ponto, há algo de lamentável na psicanálise que aborrece os psicanalistas. Lacan o vela, diz mais polidamente ao dizer que há um real em jogo na formação do psicanalista, um real que provoca seu próprio desconhecimento, produzindo até mesmo sua negação sistemática.

Aí está um real a ser elaborado em seu laço com seu desconhecimento, ou seja, ele convoca o véu. Não porque ele seja obsceno. O real de que se trata não é obsceno, mas faz com que o psicanalista se veja em dificuldades com ele. É um fato histórico os analistas serem capazes de rejeitar o fardo do discurso analítico.

Sobre isso, a tese de Lacan é a seguinte: o que convoca os analistas a renegarem o discurso analítico, a fazê-lo deslizar, a tamponá-lo, a ver nele apenas sua dimensão clínico-terapêutica, o que os põe nessa posição é o desejo de afastar deles próprios a promessa de rejeição implicada no discurso analítico para o analista. É o desejo de afastar deles o que deve sobrevir no final de uma análise, a saber, que eles caem por terra.

Discurso analítico foi a maneira de Lacan dizer: a psicanálise ex-siste em sua necessidade lógica. Foi o começo do que ele introduziu em sua *Proposição de 67*, e que se deve ler com seu acento próprio: “há estruturas garantidas na psicanálise”. Essas estruturas são efetuadas naquele que se forma como analista. Trata-se de uma efetuação daquilo que existe como uma estrutura lógica. Essa necessidade lógica foi o que Lacan chamou discurso, ele é o lugar onde há laço, entre o começo e o final da análise. Não é uma comunidade, uma casa, é, para falar com propriedade, o discurso analítico enquanto um lugar onde há o laço que convém entre os termos.

Não é uma comunidade, não é uma associação, é a psicanálise considerada como existindo e, secundariamente, se possível, depositada, sustentada, encorajada por uma Assembléia, uma Associação, uma Escola. A rejeição é motivada principalmente pelo fato de que a psicanálise impede o analista de existir, ela impede a idéia de o analista existir. Ela só o permite existir sob espécies muito menos gloriosas do que o título de analista.

Aliás, essa é a razão pela qual Lacan dizia que ninguém pode nomear um analista, que um analista é necessariamente auto-proclamado e que, num segundo tempo, ele pode buscar – são seus termos exatos – “a se fazer confirmar por uma hierarquia”.

Se a psicanálise existe, e para que a psicanálise exista, é preciso manter, em toda sua exigência, este tempo da auto-proclamação. Em seguida, é tal ou tal hierarquia, como for possível, que virá abençoar, cooptar, reconhecer e encorajar. Depende do psicanalista constituir uma prática de escuta como a experiência original da psicanálise, uma experiência *sui generis* e incomparável. Isso supõe, se seguirmos Lacan nessa exigência, isolá-la, como original, da terapêutica.

Não busquei essa construção pelos cantos. Ela figura em um texto trabalhado por muitos de vocês, que se chama *A Proposição de 1967*, no qual Lacan articula, com todas as

letras, que “isolar a psicanálise da terapêutica é a condição”- isto está mais nas entrelinhas – “para que uma análise possa ter um fim”.

Até semana que vem.

Segunda lição

Quarta-feira 22 de novembro de 2000

II

Eu falei, e aqui estou ligado pelo que disse na última vez, que me veio essencialmente – como lhes comentei, confidenciei -, *in extremis*, sob o modo de um “não posso calar sobre isso”. Então, estou ligado pelo que disse na última vez, mas nada me impede de dizer o contrário. Em particular, não serão vocês que me impedirão de dizer o contrário. Mas, justamente, não será qualquer coisa, será ou seria o contrário. Portanto, seja o que for que eu lhes diga, continuará determinado, nesta série, pelo que eu disse na vez passada.

A vez passada tem um peso especial, um peso que se marca na fala. Talvez façamos sessões de análise, justamente para se ter nas costas o que se disse na sessão anterior.

Todavia, me veio a idéia de dizer o contrário. É a ocasião de eu perceber que lido bem com a preocupação da coerência. Pelo menos, aparento, tento não passar a coerência antes de tudo. Pessoalmente, isso me exige um esforço, porquanto a coerência me preocupa de modo eminente. Inclusive, foi pela preocupação com a coerência que levei um certo número de vocês a seguir essa série de lições, marcado pela preocupação com a coerência manifestada por mim.

Quando se tem a preocupação com a coerência, com a coerência no que é dito, chega-se à lógica. A lógica é um instrumento que serve para determinar o que é ou não coerente naquilo que se enuncia. Essa é uma definição, mas uma definição parcial. A lógica não é apenas um instrumento, um meio. Ela também tem a ver com uma finalidade. Ela comporta uma finalidade. Ela instala, como se diz, valores. Para dizê-lo de modo resumido: a lógica é também uma ética, uma ética do bem-dizer, uma ética animada por uma vontade de coerência.

A lógica é uma referência da qual, pelo menos há cinqüenta anos, não se escapa em psicanálise. Ainda que Freud se tivesse mantido distante dela. O que não impede que se possa traduzir seus ditos em termos lógicos, nos quais eles se inscrevem de um modo inteiramente particular, próprio. O fato de a lógica ser animada por uma vontade de coerência preconcebe que a verdade do que é dito dependa de sua coerência. Isso põe a verdade do dito sob a dependência da coerência do dito. É o que se pode chamar um preconceito, o preconceito da coerência. E o que o faz aparecer como tal é algo que nos concerne, a saber, a psicanálise, a experiência de uma psicanálise.